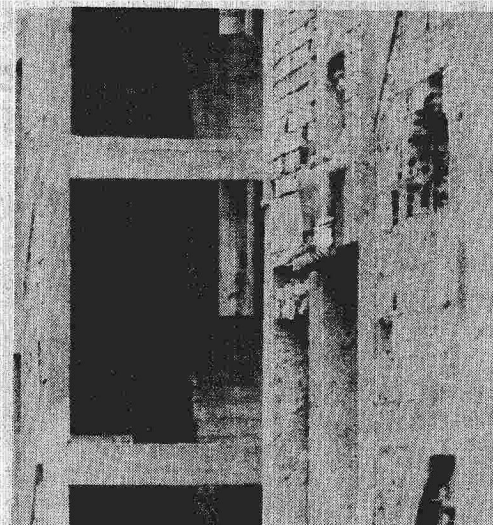
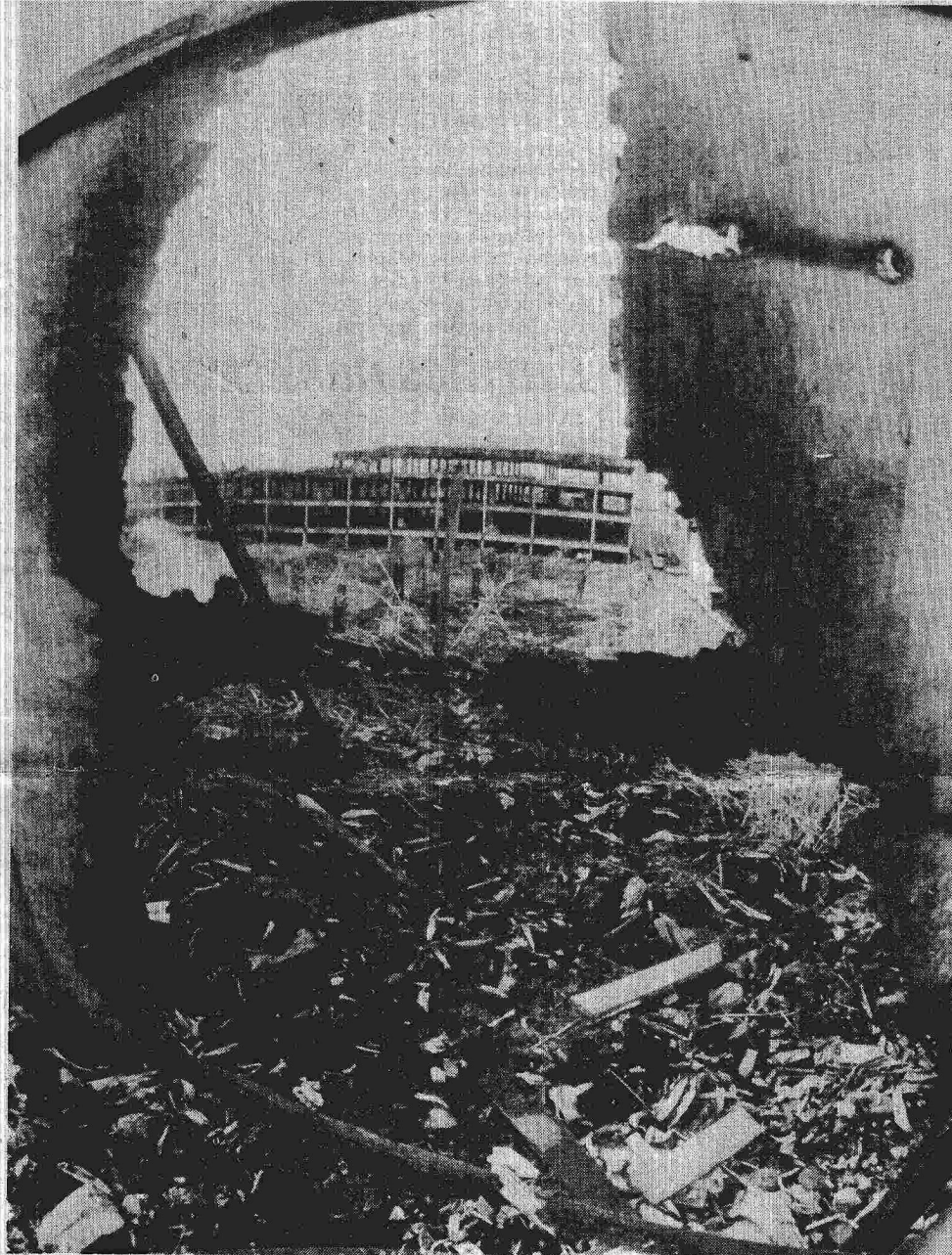
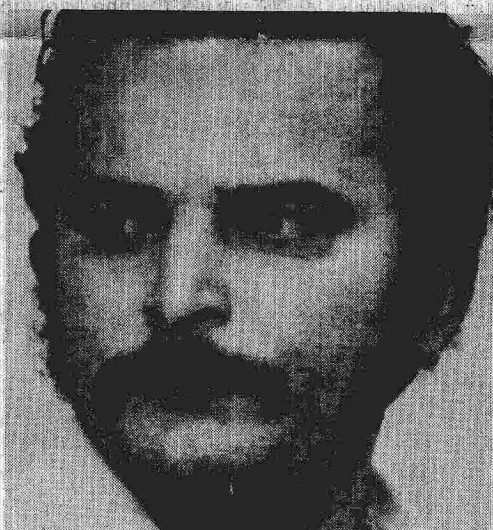




Ao contrário do "Lex", que está inteiramente pronto para ser ocupado e que teve também longa pendência judicial, os esqueletos de cimento armado que ficam ao lado do Venâncio 2000 e na 213 Sul são apenas escombros. "Isto aqui é um perigo", diz o zelador do Bloco A, da 213.



## Bloco G: covil de ladrões e de cobras

O Edifício "Lex", o bonito prédio que fica nos fundos do Clube do Congresso, ali bem perto da W-3, é outro eloquente exemplo do emperramento dos trâmites judiciais, meandros intermináveis de petições, de recursos que vão e vêm — com a papelada do processo cada vez mais volumosa. Bem localizado, área enorme construída prontinha da silva para funcionar, mezanino e três andares, quatro elevadores ligados e salas vazias aguardando o "habite-se" judicial — isto desde 1977. Por ironia, no topo do andar térreo, bem próximo ao jardim central, há uma placa de madeira com os dizeres: "Proibido parar na escada". O "LEX" andou algum tempo penhorado pela Receita Federal devido a problemas de impostos, que envolvia o nome da Inca S/A de Crédito Imobiliário, com financiamento da Vitória-Minas, ficando posteriormente sob a responsabilidade da Economisa, que desembolou tudo e hoje impede que a construção de 30 mil metros quadrados se transforme em albergue de vaga-

bundos com a presença de seis guardas, além de nove mulheres responsáveis pela limpeza.

"Foi duro, mas já superamos as pendências judiciais. Agora vamos aguardar para ver como é que fica, devendo ser tudo resolvido no devido tempo", anuncia, com a calma de quem sabe esperar, o gerente regional da Economisa, Eustáquio José da Costa.

Mas o maior exemplo de uma causa judicial sem jeito está relacionado ao processo do que seria o Bloco G da SQS-213, que percorre gavetas sem fim há 10 anos, enquanto o esqueleto de seis andares sofre o efeito da erosão, além de transformar-se em permanente dor de cabeça para os moradores daquela quadra, particularmente para os que moram no Bloco A, que fica ao lado do perigoso esqueleto. A propósito, o zelador do Bloco A, Manoel Edmar já não sabe mais o que fazer para afastar os indesejáveis visitantes da construção abandonada, onde o mato cresce solto.

— "Aqui tem de tudo: maco

nheiros, casazinhos que vêm fazer programinhas de noite e até ladrões de tijolos e de ferro. E esse inferno já dura vários anos, para o desesperados moradores aqui do nosso bloco. E eles são tão abusados que em pleno dia roubaram o meu pássaro- preto, com gaiola e tudo, mas eu consegui pegar os dois ladrões ali na saída da quadra. Quase toda a semana a polícia dá batida nessa caveira abandonada e sempre consegue agarrar nego safado".

Manoel lembra que quando a construção parou, "isso vai fazer bem uns dez anos", o esqueleto do Bloco G estava revestido de portais e outros acabamentos "porém tudo foi roubado, arrancado a unha".

Além da presença quase permanente dos inquilinos avulsos que têm ficha na polícia, o maior perigo do esqueleto da 213 é que esse local se transformou em atração para as crianças da qua-

dra, que vão ali brincar de mocinho e bandido.

— "Todas as manhãs eu vejo essas crianças brincando ali, subindo aqueles andares que podem desabar a qualquer momento. Fico morrendo de preocupação, me dá vontade de avisá-los do perigo, mas fico calado porque não são meus filhos", desabafa Ubaldo Cavalcanti, do apartamento 605. Por sua vez, o morador do 406, que prefere não se identificar, reclama contra a morosidade judicial:

— "A justiça deveria decidir logo se conclui a obra ou manda demolir esse covil de ladrões".

O garagista João Lustosa, que trabalha há dois meses no Bloco A, garante que todas as noites "tem ladrão rondando a nossa garagem". E o filho do zelador, Edmarzinho, lembra que no mês passado pegou uma cobra venenosa no subterrâneo do esqueleto G.

— "Ali tem rato, cobra e até aranha caranguejeira..."